

A Mídia na Escola¹

Patrícia Duplat dos SANTOS²
Anielle Aparecida Fernandes de MORAIS³
Márcia Mariano Raduan CAETANO⁴

RESUMO

O artigo apresentado faz um estudo bibliográfico sobre a inoculação da mídia nas escolas desde a implantação do projeto de Anísio Teixeira em escolas integrais com a inclusão de atividades extracurriculares e os estudos do pedagogo Paulo Freire. A presença da mídia nas escolas cresceu muito com a evolução da tecnologia, acesso a computadores e a sites de buscas, informações em tempo real. Neste caminho, surgiu o conceito de Educomunicação. Este artigo busca não só informar como é realizada a introdução das mídias nas escolas, mas os seus benefícios e as faces que a mídia pode trazer tanto para os discentes como para os docentes que lidam com essa inclusão proporcionada pela Educomunicação. A mídia nas escolas tem o propósito de promover uma aprendizagem mais focada na formação crítica do discente, empoderando-o e estabelecendo um formador de opinião, um cidadão pensante.

PALAVRAS-CHAVE: mídia; educação; escola.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo se concentra em estudar a inserção da mídia nas escolas como instrumento pedagógico. As suposições básicas deste artigo são levantadas de acordo com pré-leituras de alguns livros e artigos de mestres e pesquisadores. Neste sentido, avalia-se a inclusão da mídia na escola, como os docentes fazem a intertextualidade das mídias em sala de aula com o cotidiano, se o uso das mídias é positivo ou negativo para os discentes e como o uso das mídias pode ajudar os discentes. O estudo também traz a visão sobre como os docentes veem as mídias nas escolas e a preparação deles para lidar com essa inclusão.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 12 a 14 de junho de 2017. Artigo científico vinculado ao Programa de Iniciação Científica do Núcleo de Planejamento e Pesquisa do Instituto de Ensino Superior de Rio Verde.

² Acadêmica do curso de Jornalismo e integrante do Programa de Iniciação Científica do Núcleo de Planejamento e Pesquisa do Instituto de Ensino Superior de Rio Verde, e-mail: pattyduplatt@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora dos cursos de Comunicação Social/ Jornalismo e Publicidade e Propaganda, do Instituto de Ensino Superior de Rio Verde, e-mail: aniellemorais@gmail.com

⁴ Coorientadora do trabalho. Professora dos cursos de Comunicação/Jornalismo e Publicidade e Propaganda, do Instituto de Ensino Superior de Rio Verde, e-mail: marcia@faculdadeobjetivo.com.br

Foi encontrado um vasto material sobre o assunto em sites de busca, escrito por pesquisadores, mestres e doutores na área da comunicação, notadamente da Educomunicação. Para o campo profissional da comunicação, este estudo realizado pode trazer um novo horizonte de pesquisas relacionadas ao tema.

Este artigo visa a esclarecer as pessoas como acontece a inoculação das mídias nas escolas. Além disso, serão descritos os mecanismos utilizados para esta inserção e também os resultados conquistados com isso.

2 METODOLOGIA

Toda investigação científica depende de um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos para que seus objetivos sejam atingidos, o método científico. Neste artigo, estabeleceram-se alguns métodos e técnicas a fim de sistematizar o estudo, dando a ele o caráter científico necessário.

Para Marconi; Lakatos (2010), o método é o conjunto de atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo, conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Fonseca (2012) completa que a metodologia trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas e dos caminhos para se atingir a realidade teórica e prática, pois essa é a finalidade da ciência.

Este estudo se desenvolve tendo por base o método monográfico, cujo objetivo é fazer um estudo bibliográfico que servirá de consulta para outros. Para Gil (2008), o método monográfico é um estudo de caso em profundidade, podendo ser considerado representativo de muitos outros ou mesmo de todos os casos semelhantes.

Segundo Marconi; Lakatos (2010, p. 90): “O estudo monográfico se constitui de um estudo em profundidade em relação a um tema específico”. Assim, promove o estudo de determinados indivíduos, profissões condições, instituições, grupos ou comunidades, com a finalidade de obter generalizações. (ANDRADE, 2001).

Neste contexto, a pesquisa empreendida se constitui como uma pesquisa bibliográfica qualitativa. Para Prodanov (2013, p. 132), a pesquisa qualitativa:

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de

significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas.

Além de qualitativo, o estudo é considerado uma pesquisa bibliográfica, em que se realiza um amplo levantamento das fontes teóricas (relatórios de pesquisa, livros, artigos científicos, monografias, dissertações e teses), com o objetivo de elaborar a contextualização da pesquisa e seu embasamento teórico, o qual fará parte do referencial da pesquisa na forma de uma revisão bibliográfica (ou da literatura). (PRODANOV, 2013, p.131).

Para Andrade (2001), a pesquisa bibliográfica é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões.

O processo de construção de um artigo de natureza bibliográfica tem como fontes documentos impressos (livros, revistas, jornais, folhetos, catálogos, boletins, anuários, textos legais, processos, pareceres, correspondência publicada). Neste artigo, as consultas foram realizadas em livros e artigos de especialistas, pedagogos e mestres que analisaram a inoculação do uso das mídias nas escolas. A maioria dos autores cita a importância das mídias como formadora de cidadãos pensantes, o crescimento pessoal do discente como cidadão.

No artigo foram utilizados livros, teses de pesquisadores, sites de instituição privada, que mostram o processo das mídias nas escolas desde a inclusão de escolas integrais de Anísio Teixeira com novas atividades extracurriculares.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para realizar a pesquisa bibliográfica foram consultados livros e artigos científicos de pesquisadores em comunicação, especificamente, sobre a inserção da mídia na escola. Foi necessário fazer um estudo cronológico sobre a inoculação das mídias, para se ter uma real ideia do que ocorreu até a inclusão da educomunicação nas escolas. Dessa forma, foram utilizados livros de pedagogos para verificar a importância da comunicação nas escolas.

Segundo Mário Kaplún, o primeiro escritor a usar a expressão educador, a expressão educomunicação significa: “Una práctica profesional, así entendida, no sólo requiere conocer y dominar los recursos mediáticos; necesita sustentarse en una pedagogia comunicacional”. (KAPLÚN, 2002, p. 9).

Para Kunsch (1986, p. 6), toda atividade comunicativa é uma atividade educativa e vice-versa. Ela emerge conceitualmente de uma “didática dos meios”, relacionada com a

potencialidade da mídia na organização do processo ensino-aprendizagem como um processo de comunicação.

A educomunicação é de fato a intertextualidade, ou seja, a interseção da educação com a comunicação, um processo alimentado pelos interesses focados em aprimorar a prática educativa por meio das ferramentas proporcionadas pela mídia. De certa forma, os educadores se deparam com um universo mais comunicativo através dos meios midiáticos.

O conceito de educomunicação propõe a construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos, nos espaços educativos, quebrando a hierarquia na distribuição do saber, justamente pelo reconhecimento de que todas as pessoas envolvidas no fluxo de informação são produtoras de cultura, independente de sua função operacional no ambiente escolar. (ZIMERMANN apud SOARES, 2007, p.11).

A educomunicação desenvolve-se através de áreas específicas na educação com o uso dos mecanismos comunicativos. E, nesse ambiente escolar, há uma troca de material entre o educador e o educando e vice-versa, na qual o mais importante é o conhecimento adquirido.

3.1 A chegada da mídia na escola

Antes mesmo da palavra educomunicação já havia uma ideia de transformação na educação. Segundo Cunha (2001.p, 87), em 1930, o filósofo e educador estadunidense, John Dewey, posicionava-se sempre em favor de uma nova ordenação social, de uma sociedade democrática e de uma escola sintonizada com o movimento incessante do mundo.

Considerando que a educomunicação é uma fusão da educação com a comunicação, esta área tende a tornar a escola um ambiente consciente dos acontecimentos de mundo por meio da inclusão da informação dentro das escolas.

Em 1968, o educador Anísio Teixeira publicou a obra *Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola*. No livro são apresentadas as ideias de uma educação progressista levantadas pelo educador durante o curso de dez meses no *Teachers College* (Escola de Professores) da Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, com o mestre John Dewey. Dewey influenciou Teixeira no projeto das escolas integrais com atividades extracurriculares.

De acordo com a ABPEducom, o termo "educomunicação" já aparecia em discussões da Unesco desde os anos 80 para designar ações de comunicação voltadas à educação e vice-versa. Na mesma década, Mario Kaplún utilizava o termo "educador"

para nomear o comunicador que atua nas práticas de comunicação alternativa na América Latina.

De acordo com Kunsch (1986, p. 5), desde o primeiro Intercom, em 1978, já se falava na fusão entre educação e comunicação. A pauta de 1978 estudou as relações entre ideologia e poder no ensino da comunicação, questionando injunções curriculares, conteúdos alternativos e a prática pedagógica nas escolas de comunicação.

Nos anos seguintes essas informações foram sendo amadurecidas e o Intercom de 1985 tratou das relações entre comunicação e a educação.

Paulo Freire (1982) disserta sobre a importância e complexidade ímpar de cada ser para realizar o ato de ler, analisando o processo de leitura longe da informação, ou seja, a complexabilidade de alfabetizar pessoas com poucos recursos e sem acesso à comunicação.

O ato de ler vem da experiência existencial, segundo o autor: “Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo que nos move; depois, a leitura da palavra, ou seja, da “palavra mundo”. (FREIRE, 1982, p.5).

Segundo Freire, quanto maior o nível de informação, melhor o nível de entendimento e de compreensão do discente para o aprendizado, ou seja, quanto maior o número de informações ou o contato com o mundo, maior o crescimento de aprendizado do discente.

Anísio Teixeira (1957) analisa o processo evolutivo das escolas com novas disciplinas e a implantação de escolas integrais, ou seja, com dois turnos. No primeiro turno, para o autor, deve ser incluídas atividades do currículo escolar; no segundo turno, atividades extracurriculares, atividades físicas e atividades com tecnologia através de computadores, tais como aulas de informática.

Para o autor, as escolas integrais além de trazerem esportes, também incluíram aulas de informática nas escolas, o que trouxe um leque de novidades e um mundo compacto para os discentes.

Para Teixeira (1957), a escola não pode ser uma escola de tempo parcial, nem uma escola somente de letras, uma escola de iniciação intelectual, mas uma escola, sobretudo, de prática, de iniciação ao trabalho, de formação de hábitos de pensar, hábitos de fazer, cujo soberano é o próprio cidadão.

Segundo Cavaliere (2010), somente em 1950, a escola Integral saiu do papel e tornou-se o Centro Educacional Carneiro Ribeiro.

O complexo educacional idealizado por Anísio Teixeira constava de quatro escolas-classe com capacidade para mil alunos cada, em dois turnos de quinhentos alunos, e um-escola-parque composta dos seguintes setores: (a) pavilhão de trabalho; (b) setor

socializante; (c) pavilhão de educação física, jogos e recreação; (d) biblioteca; (e) setor administrativo e almoxarifado; (f) teatro de arena ao ar livre e (g) setor artístico. A escola-parque complementava de forma alternada o horário das escolas-classe, e assim o aluno passava o dia inteiro no complexo, onde também se alimentava e tomava banho. (CAVALIERE, 2010, p. 256)

A ABPEducom informa que as pesquisas desenvolvidas pelo coordenador e professor Ismar de Oliveira Soares, do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), da Universidade de São Paulo (USP), no final da década de 90, ficaram conhecidas internacionalmente pelas pesquisas de inter-relação entre a educação e a comunicação.

A partir das pesquisas realizadas no NCE, foi possível ter uma visibilidade maior no tema aqui analisado. Novos grupos de estudos foram surgindo e criando forças pelo país. Assim, foram implantados projetos nas escolas e programas educacionais tomaram força.

Segundo a pesquisa (ABPEducom, 2017), o Educomunicador é o profissional que demonstra capacidade para elaborar diagnósticos e coordenar projetos no campo da inter-relação Educação e Comunicação. Entre as atividades que ele desenvolve, destacam-se:

a) a implementação de programas de "educação para a comunicação", favorecendo ações que permitam que grupos de pessoas se relacionem adequadamente com o sistema de meios de comunicação.

b) o assessoramento a educadores no adequado uso dos recursos da comunicação, como instrumentos de expressão da cidadania.

3.2 Atividades com a mídia na escola

Libâneo (2002) ensina que os velhos e novos professores devem preparar seus alunos para o mundo, tornando-os cidadãos mais conscientes e pensantes, exemplos de cidadania para a nova geração. Para o autor, a interdisciplinaridade é uma necessidade na produção e na construção do conhecimento por causa do caráter de interação que ela promove.

Segundo Caldas (2006), o jornal O Globo foi primeiro a incentivar a leitura de jornais nas escolas. Os principais objetivos eram incentivar a leitura de jornais, ensinar como é o jornal, debater sobre o papel da imprensa e capacitar o aluno a ler criticamente o veículo jornalístico.

O papel do jornal na escola seria a troca de informação motivando a leitura e interpretação crítica de mundo. Os grupos de mídia começaram a distribuir encalhes de seus exemplares direcionados à sala de aula, esta iniciativa ganhou força em 1990 e continua conquistando novos adeptos, como o caso da revista Carta Capital, que lançou em 2005 a versão pedagógica no site da revista. (CALDAS, 2006, p. 120)

A jornalista Adriana Carranca, do jornal O Globo, lança livro reportagem infantil “Malala, a menina que queria ir para a escola”, voltado para a educomunicação. O livro conta a história da menina paquistanesa, Malala Yousafzai, que se tornou alvo de um atentado Talibã, em 2012, porque queria estudar. A garota, que hoje vive em Londres, se tornou uma voz contra a opressão feminina, ganhou o Nobel da Paz em 2014.

O livro aborda a formação do cidadão como atributo da escola. A escola deve ensinar o aluno a ler os meios de comunicação e desvendar o que há implícito no que a edição esconde.

O professor Ismar de Oliveira promoveu, em 2002, o Projeto Educom.TV (primeiro curso on-line da USP, destinado à formação de dois mil professores do Estado de São Paulo, sobre o emprego da linguagem audiovisual na escola, sob a perspectiva da educomunicação. (CCA, 2017).

Ismar DE Oliveira, ainda entre 2001 e 2004, executou o projeto Educom.rádio para a formação de 11 mil professores e alunos da rede municipal de ensino de São Paulo. O projeto estimulou o uso educutivo das linguagens midiáticas no espaço escolar. Além disso, o professor promoveu, entre 2006 e 2007, o projeto Educom.rádio, no Centro-Oeste, contemplando 80 escolas de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, em uma parceria com o Ministério da Educação.

Para Silva (2011), programas como o Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17 em 2007, ampliou o tempo educativo em algumas escolas da rede pública, ao oferecer atividades socioeducativas no contra turno escolar, tendo em vista a implantação do sistema de educação integral. Esse programa incentivou a implantação de jornais e rádio escolares, foi criado um ambiente possível de inclusão entre educação e mídias.

A Tv Escola é um programa do Ministério da Educação criado em uma plataforma de comunicação baseada na televisão e distribuída também na internet. É uma ferramenta destinada aos professores, educadores, alunos e a todos interessados em aprender. (CCA, 2017)

A TV Escola não “dá aula”; ela é uma ferramenta pedagógica disponível ao professor, seja para complementar sua própria formação, seja para ser utilizada em suas práticas de ensino. Não é um canal de divulgação de políticas públicas da educação, é uma política pública em si, com o objetivo de subsidiar a escola e não substituí-la. E, em hipótese alguma, substituir também ao professor.

Assim como outros programas e projetos em prol da educomunicação, o TV Escola é um mecanismo que instrui alunos e professores a usarem as mídias dentro do ambiente escolar, trazendo um leque de opções e aproveitamento melhor dos meios.

3.3 O professor como mediador e comunicador

Santos (2006) explica que a reflexão crítica deve ser uma prática cotidiana e motivacional na infância para o crescimento intelectual e formação do discernimento crítico do discente. Para o autor, a leitura escolar, por exemplo, tal como é feita atualmente, está distanciada da realidade das experiências pessoais e engessada nos conteúdos didático dos livros, impossibilitando o conhecimento externo social. Com o uso das mídias, a relação do ambiente escolar sai dos assuntos internos das salas e percorrem a imaginação dos discentes, fazendo-os pensar em sentido coletivo.

Utilizar a mídia na escola é o primeiro passo para a leitura do mundo. Em contrapartida, é essencial que o exercício cotidiano no uso da mídia na sala de aula não se limite à leitura de jornais, revistas ou dos veículos eletrônicos. Para se ler o mundo a partir dos olhares dos outros, é fundamental que seus leitores aprendam antes de ler o mundo em que vivem, por meio da construção de suas próprias narrativas. A aquisição do pensamento crítico é resultado da inserção e percepção direta do aluno como agente mobilizador na sua realidade. (CALDAS, 2006, p. 23).

Neste sentido, o papel do professor como mediador do mundo externo e interno do aluno é crucial. Com o conhecimento de mobilização da realidade por parte do professor, o aluno passa a ser inserido na reflexão sobre a indústria cultural e sobre seu lugar na sociedade, um lugar no qual ele possa contribuir para um ambiente social e produtivo.

Para Caldas (2006), a diversidade de produtos, suportes e formatos (cinema, teatro, música e mídia em geral), fazem parte da construção do imaginário de alunos, professores, pais e sociedade. E por fazer parte do universo cotidiano das pessoas, precisa ser incorporada ao processo de aprendizagem numa relação crítica.

Assim como todo o processo de aprendizagem, a educomunicação também propõe um processo através do qual se aprenda a pensar em formato coletivo (sociedade). Por sua vez, as reflexões deverão gerar dúvidas e buscar suas respostas e, neste momento, ele vai aprender com as suas buscas e terá o desejo de ver acontecer o que foi inserido em sua vida. Segundo Caldas (2006), a informação é necessária para a transformação crítica de leitura de mundo, pois não há conhecimento sem a leitura da palavra.

Com o caminhar contínuo das tecnologias, os formatos de obtenção de informação são muitos, porém, ainda não é o necessário para a interpretação de mundo, pois é preciso fazer a leitura da mobilização de sua realidade, aprender a pensar e fazer a leitura da palavra.

Talvez o traço mais marcante de uma didática crítico-social – numa perspectiva sócio-construtivista, superando o caráter somente instrumental da didática usual - seja o de atribuir ao trabalho docente o papel de mediação entre a cultura elaborada, convertida em saber escolar, e o aluno que, para além de um sujeito psicológico, é um sujeito portador da prática social viva. (LIBÂNEO, 2002).

O professor como educador não deve apenas falar, mas também escutar; nesse ambiente não há hierarquia, uma vez que o importante é apresentar ideias, explorar o intelecto do aluno, pensar coletivo, aprender a conhecer e a refletir novos conhecimentos, ou seja, a leitura crítica em sala é uma aula viva com personagens reais e uma realidade presente na vida do aluno.

Chiofi (2014) assinala que a tecnologia, quando bem utilizada, pode beneficiar o trabalho pedagógico na escola, com propostas dinamizadoras do conhecimento e, para além disso, como processo de comunicação e construção do saber escolar por aluno e professores.

Segundo Libâneo (2002), as características da docência não são inerentes ao conteúdo de uma matéria. Elas devem ser buscadas fora do âmbito da ciência ensinada. As características do docente estão além do didático e preocupam-se com a percepção em moldurar um novo formato no ensino-aprendizagem. É preciso fazer o discente pensar, transformar e motivar o aluno como cidadãos reflexivos e pensantes.

O autor ainda diz que a utilização pedagógica das tecnologias da informação pode trazer efeitos cognitivos relevantes; estes, porém, não podem ser atribuídos somente a essas tecnologias.

De acordo com Kunsch (1986, p. 39), a escola poderá exercer o seu papel de mediação crítica da sociedade se ela cumprir bem o seu papel de promover a apropriação do conhecimento e de possibilitar o desenvolvimento de habilidades:

As dificuldades são visíveis como qualquer outra ferramenta de trabalho na escola, como a necessidade de adequação técnica dos tablets, programas de internet, etc. Há também a necessidade de preparo dos professores para o uso dessa tecnologia escolar, uma vez que a maioria dos professores, não possuem ainda habilidades para utilização das mídias digitais, não conseguindo por enquanto explorar de maneira eficiente o uso de dispositivos tecnológicos como os tablets, ou outras ferramentas tecnológicas. (KUNSCH, 1986, p.69).

As tecnologias são ferramentas que auxiliam na leitura de mundo e o docente é essencial para o desenvolvimento desse campo cognitivo no discente. Por ser indispensável a cognição do professor nessa atividade o mesmo precisa se preocupar com a preparação e o planejamento do professor para gerir as atividades educacionais.

3.4 Os desafios da educação

A educação é um assunto que atrai muitas discussões por diversos aspectos, seja por não acreditar que a escola é a única responsável pela formação do cidadão pensante, seja para motivar a preparação necessária do profissional para realizar as atividades com mídias.

De acordo com Bragança (2015), a aquisição de consciência e a mudança de posição das escolas são fundamentais para a transformação das questões sociais primordiais ao país. A autora demonstra há uma preocupação do uso das mídias de forma desorientada, por isso, há a necessidade de uma orientação profissional especializada, pois as mídias têm o poder de manipular.

A escola como estimulante da cidadania tem o dever de ter profissionais capacitados para orientar os alunos a compreender a leitura de mundo e as características das mídias.

A leitura crítica da mídia ou educação para as mídias. É importante destacar que “a educação para a mídia não deve ser confundida com o uso das mídias na educação”, pois não se trata de utilizar os recursos midiáticos disponíveis para o ensino de componentes do currículo e sim encarar a “cultura midiática” em si como objeto de estudo. (BRAGANÇA, 2015, p.31).

Segundo a autora, o problema que envolve essa questão é o fato da criança ser inexperiente para digerir o que lhe é transmitido pelos *media*, sendo, assim, facilmente influenciada e persuadida

A educação está além do uso das mídias nas salas de aula, a análise dos meios de comunicação como objetos de estudo tem a finalidade de entender o midiatismo que vivemos atualmente. As mídias influenciam o direito de escolha do cidadão com a análise de suas características o aluno entenderá os paradigmas e terá maior discernimento ao fazer suas escolhas no mundo interno e externo do seu entendimento.

De acordo com Kunch (1986), a educação segue como assunto disperso, problemático e complexo quanto à prática e representações. O autor se mostra a favor de uma política denominada “Conectar Igualdade”, que visa à distribuição de notebooks para todos os

estudantes. A educomunicação, neste caso, é vista como um assunto complexo, político e cultural e, para funcionar, tem que ter uma democratização da comunicação. Do contrário, a educomunicação torna-se um ecossistema problemático e disperso.

Para Siqueira (1986, p. 333): “Os maiores problemas do computador na sociedade ainda residem na prática ausência de legislação protetora da privacidade do cidadão e de regulamentos do acesso à informação”.

Levando-se em consideração que atualmente percebemos a influência dos meios de comunicação de massa no cotidiano das pessoas, alguns educadores são contra o uso das mídias, por ser este um material que pode dispersar, influenciar e confundir os alunos em relação aos problemas da sociedade.

Na visão de Ribeiro (2012), a falta de informação e a manipulação através da propaganda podem acabar se tornando extremamente apelativa. Um exemplo disso, são as propagandas de cerveja que usam mulheres seminuas para divulgar sua mercadoria, insinuando que ao tomar cerveja o consumidor poderia estar acompanhado de uma destas belas mulheres.

Para Bragança (2015), a vida dos alunos é atravessada em todos os níveis por essa cultura e é preciso que se adquira consciência sobre as diferentes funções e intenções das mensagens recebidas através dos diferentes meios, pela via também da educação formal promovida principalmente nas escolas. De acordo com a autora o estudo das mídias é necessário, inclusive, para promover melhor entendimento do que ocorre entre os meios e suas formas de manipulação para o consumidor final.

Segundo Kunsch (1986, p. 41), a escola sempre foi defendida como instituição da classe dominante, da classe que detém o poder, tanto econômico quanto político. Mas para o autor, a situação se mostra diferente hoje, já que, ao longo do tempo, a escola passou a possibilitar a apropriação do conhecimento e, com isso, tem sido um instrumento social muito útil. Caso contrário, ter-se-ia inventado outro mediador.

A escola é designada culturalmente como responsável pela educação e formação do indivíduo.

Com a inclusão da tecnologia em massa na sociedade ao longo dos últimos anos, é de suma importância que as escolas se adequem a essas novas tecnologias e seus conceitos para orientarem os discentes, retirando paradigmas existentes e informações manipuladoras. Um discente crítico é um cidadão pensante, e é nessa linha de raciocínio que os educadores trabalham para fazer crescer a atuação da educomunicação.

É perceptível a preocupação de pesquisadores, pedagogos, comunicadores em tornar o aluno um cidadão crítico e participativo na sociedade, formando um cidadão pensante que consiga ver além do olhar que lhe introduzem. Dessa forma, utilizar a mídia em sala de aula permite com que o discente leia as mensagens implícitas no texto, na imagem, na propaganda, no filme, no noticiário e em qualquer mídia. Dessa forma, ele será capaz de distinguir e saber opinar sobre os assuntos mais diversos da nossa sociedade.

De acordo com Kunsch (1986, p. 23):

O que se pretende, o que se quer, é a incorporação à cidadania de uma classe até hoje impedida desse direito. Trata-se de incorporar à sociedade o cidadão alijado dos mecanismos de decisão e controle, a fim de que as classes subalternas possam também participar dos bens e produzidos pelo desenvolvimento, desde o direito à vida a à subsistência até os benefícios mais amplos da educação e da cultura. É evidente que temos diante de nós um percurso marcado por obstáculos e por contradições.

Diante das transformações tecnológicas da sociedade e da responsabilidade educacional e comunicativa, é inevitável deixar de incluir as atividades educomunicadoras no universo escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a apresentar a incursão das mídias nas escolas. Ressaltou-se, primeiramente, o histórico da inserção midiática em escolas como algo progressivo, pensado e planejado, especialmente após a década de 80, quando surgiu o conceito de educomunicação.

Posteriormente, analisou-se como a chegada das tecnologias digitais facilitou a atividade informar e comunicar nas escolas e como a tecnologia serviu de apoio aos docentes no propósito de oferecer uma educação mais próxima da realidade dos jovens aprendizes. Os docentes veem as mídias como um aliado que deve ser bem analisado para ser utilizado em sala de aula. As técnicas são muitas, mas depende de uma atuação assertiva por parte dos docentes no sentido de incentivar a reflexão crítica sobre a mídia e a indústria cultura na qual ela se insere.

Foram apresentados também os desafios da educomunicação e da utilização das mídias em sala de aula. Um dos aspectos é a existência de preocupações e desconfianças por parte de pedagogos e professores com relação ao caráter manipulador da mídia, especialmente em atividades voltadas à crianças, cujo senso crítico ainda é pequeno. Mas neste caso,

ressalta-se a importância do papel mediador e do caráter responsável do docente em relação à utilização da mídia em classe.

Neste sentido, a educomunicação se apresenta como uma importante ferramenta para a atividade educacional. A inclusão da tecnologia na sociedade fez com que as escolas se adequassem a essas novas tecnologias e a seus conceitos e, neste sentido, a mídia em sala de aula está remodelando paradigmas existentes, promovendo a reflexão crítica e promovendo cidadãos pensantes.

REFERÊNCIAS

ABPEducom. Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação. Disponível em: <<http://www.abpeducom.org.br/>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

BRAGANÇA, Grazielle. **Ensinando a leitura crítica da mídia na escola**. 2015. Disponível em: <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/post?idPost=10064/>>. Acesso em 14 set. 2016.

CALDAS, Graça. **Mídia, escola e leitura crítica de mundo**. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a06v27n94.pdf>>. Acesso em 26 jan. 2016.

CAVALIERE, Ana Maria. **Anísio Teixeira e a educação integral**. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v20n46/11.pdf>>. Acesso em 13 mar. 2017.

CCA. Departamento de Comunicações e Artes. Página institucional com notícias. Disponível em: <<http://www.cca.eca.usp.br/cca/docentes/soares>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

CUNHA, Marcus Vinicius da. **John Dewey e o pensamento educacional brasileiro: a centralidade da noção de movimento**. 2001. Disponível em :<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n17/n17a06>>. Acesso em: 02 mar. 2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 1982. Disponível em:<http://educacaointegral.org.br/wpcontent/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2016.

FONSECA, Rívia Silveira. **Aristóteles e a Linguagem: Estudo e tradução do Peri hermeneias (partes 1-6)**. 2012. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=rivia+silveira+fonseca&ie=utf->

8&oe=utf-8&client=firefox-b-ab&gfe_rd=cr&ei=bDj1V-TmMMqU8Qf7vIDIBQ>. Acesso em: 19 dez. 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INEP. Página institucional. Disponível em:

http://download.inep.gov.br/download/cibec/obras_raras/VII.pdf. Acesso em: 02 mar. 2017.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación (el comunicador popular)**. 2002. Disponível em:<http://perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/kaplun-el_comunicador_popular_0.pdf>. Acesso em 18/02/2017 às 11:13

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Comunicação e educação, caminhos cruzados**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática velhos e novos temas**. 2002. Disponível em:

<https://www3.fmb.unesp.br/emv/pluginfile.php/24531/mod_resource/content/1/Lib%C3%A2neo%20-%20Livro%20Didatica.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2016.

MARCONI, M de A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MOREIRA, Jéssica. **Educomunicação é estratégia para melhorar aprendizagem dos estudantes**, 2013. Disponível em:<<http://educacaointegral.org.br/reportagens/educomunicacao-e-estrategia-para-melhorar-aprendizagem-dos-estudantes/>>. Acesso em 27 jan. 2017

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAVIOLO, Daniel. Guia do jornal escolar, 2010. Disponível em: < <http://comcultura.org.br/wp-content/uploads/2010/04/guia-do-jornal-escolar-versaoweb.pdf> >. Acesso em 14/03/2017 às 14:34

SANCHES, Mariana. **Malala Yousafzai, entre o sonho e a realidade cruel**, 2016. Disponível em:<<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/malala-yousafzai-entre-sonho-a-realidade-cruel-16099202>> Acesso em: 14 mar. 2017.

SANTOS, Marcus Vinícius Machado. **A leitura como prática cotidiana e motivacional: da infância ao crescimento intelectual e discernimento crítico**. 2006. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/462/579>. Acesso em: 19 dez. 2016.

SCHAUN, Angela. **Educomunicação, Reflexões e Princípios**. 2002. Disponível em:<https://books.google.com.br/books?id=E5UHlu1eOXUC&pg=PA2&lpg=PA2&dq=%22Educomunica%C3%A7%C3%A3o+Reflexoes+E+Principios%22&source=bl&ots=ksbhM0yDAS&sig=iF8_K1neTBaQBxTy6Z8OePP1tjE&hl=pt-

BR&ei=NICbTe2dHcjXgQeTt9z9Bg&sa=X&oi=book_result&ct=result#v=onepage&q&f=false>.

Acesso em: 11 mar. 2017.

SILVA, Eduarda Eline Coelho da. **Aulas de rádio do projeto Mais Educação na escola São Judas Tadeu em Ananindeua**. 2011. Disponível em:

<http://www.unicentro.br/redemc/2011/conteudo/mc_relatos/relato_silva.pdf >. Acesso em 08 fev. 2017.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1957.